

## PONTO DE VISTA

### «O Meu Filho não Aprende»

JOÃO GOMES-PEDRO, FERNANDA TORRAL-GARCIA, TERESA GOLDSCHMIDT, FILIPA SOBRAL

São quase infinitas as variáveis influentes no sucesso escolar.

Durante muitos anos, no Sec. XX, em plena era da dominância instrumental, designadamente cognitiva, testemunhada pelos testes assumidos como imperativos técnicos, o sucesso escolar foi determinadamente identificado à inteligência.

A controvérsia não pára de existir desde 1905 quando Binet e Simon criaram o primeiro instrumento de «medição» da inteligência.

Todavia, colaram-se a Binet e Simon pressupostos que nunca para eles foram axiomas.

Será, pois, interessante recordar dois pressupostos expressos, designadamente, por Binet; o primeiro: «*A inteligência não é um capital fixo; um lugar único é ocupado pelo desenvolvimento e pela educação*»; o segundo, da autoria dos dois psicólogos, Binet e Simon, tem a ver, expressamente, com o sucesso escolar: «*O sucesso escolar tem a ver com muito mais do que aquilo que pode ser apreendido por um simples teste de inteligência*».

O sucesso escolar ou, se quiserem, o insucesso escolar representado por esta tão frequente expressão parental - «O meu filho não aprende» - tem de ser avaliado através das múltiplas dimensões que compõem a mente.

Antes de uma discussão informal e pragmática, é nosso propósito reflectir, ainda que muito sumariamente, nalguns dos condicionantes do sucesso / insucesso escolar num ordenamento categorial que pretendemos coerente.

«*O meu filho não aprende*» pode ter causas instrumentais e, embora possa parecer estranho, estas causas não representam a maior percentagem das razões que explicam o insucesso escolar.

Estas causas instrumentais podem ser divididas em dois grandes grupos: o primeiro diz respeito aos déficits cognitivos, aos déficits sensoriais – auditivos e visuais preponderantemente – e aos déficits motores.

O outro grande grupo de causas instrumentais é habitualmente conhecido como o das «perturbações específicas da aprendizagem».

Estas perturbações específicas da aprendizagem podem ainda classificar-se em três categorias distintas: a das perturbações da linguagem (dislexia, disfasia e disortografia), a das perturbações das praxias (dispraxia, discalculia e síndrome da disfunção verbal) e a das perturbações mnésicas e atencionais de que é exemplo paradigmático a «ADHD» – Síndrome de déficit da atenção com hiperactividade.

Não só, porém, as causas instrumentais determinam dificuldades de aprendizagem; as outras causas representam o «quase tudo» que Binet expressava como não tendo a ver com a inteligência e com as outras competências «instrumentais».

Esse «quase tudo» tem a ver com a circunstância de cada criança, designadamente com a sua família, com as suas forças e com as suas vulnerabilidades, com a sua história, nomeadamente com os seus vínculos, com a sua natureza, com a sua identidade, com o seu modo de se adaptar, de sentir, de aprender.

A influência do desenvolvimento emocional na aprendizagem implica um trabalho preventivo com a família contextualizando dificuldades e soluções, designadamente no âmbito da ligação escola-família.

A escola é, naturalmente, parte substantiva da circuns-

Correspondência: J.P.G.

Clínica Pediátrica Universitária  
Hospital de Santa Maria  
Faculdade de Medicina de Lisboa

tância de cada criança e o sucesso / insucesso escolar passa, naturalmente, por tudo o que a escola proporciona (ou não) no infinito vivencial de cada criança.

Os factores de influência da escola na aprendizagem estão descritos de diferentes maneiras em todos os livros de texto de Psicologia, de Pedagogia e de Sociologia aplicada.

Seria desafiar o infinito descrevê-los, discuti-los, ou envolvê-los com as nossas próprias reflexões.

Escolheremos, tão só, algumas das evidências da influência escolar, naturalmente identificadas com o sucesso / insucesso da aprendizagem.

Uma destas evidências tem a ver com a motivação de origem na própria escola.

A motivação escolar está profundamente radicada na cultura social e nas expectativas parentais.

As expectativas parentais e sociais são as de que uma escola tem a responsabilidade de assegurar uma educação moral integral nos seus alunos, a par de uma «formação» identificada com conhecimentos e com sucesso designadamente propiciador de uma continuidade académica, em outros graus, de acordo com as vocações individuais.

O ensino-aprendizagem da matemática, por exemplo, apresenta metodologias completamente distintas nas escolas americanas e nas escolas asiáticas e também é conhecido que essas metodologias, afinal, representam pouco no que respeita ao sucesso final.

A evidência científica tem provado que o sucesso escolar depende, outrossim, significativamente, das expectativas dos professores em bebidos na expectativa da escola como um todo.

A mais famosa experiência foi levada a cabo na década de 60 por Robert Rosenthal e pelos seus colaboradores. O que eles provaram, tal como todos os estudos subsequentes, é que as expectativas dos professores, condicionados por uma indução de expectativa institucional, conduzem a comportamentos pedagógicos e interactivos que condicionam o próprio sucesso da aprendizagem.

Outra evidência também demonstrada cientificamente, tem a ver com a atitude face às diferenças individuais.

Tem sido demonstrado que o respeito pelos ritmos, pelos perfis e pela identidade de cada aluno, determina uma quota parte importante do sucesso na aprendizagem.

Esta evidência está hoje profundamente testada pelas revelações que a Neurociência nos proporciona. O sentimento de si de cada aluno, o modo como cada um organiza as suas emoções em função da sua homeostase biológica, o estilo como cada um constrói os seus sentimentos em função das suas emoções, o modo como cada um elabora os esquemas maturativos do seu sentimento de si, diríamos ainda, o mistério como cada um elabora o seu superego a partir da sua auto-consciência é, fundamentalmente, um processo individual mas é, seguramente, um processo mediado por aquilo que a escola proporciona.

Um capítulo recente de uma revista científica dedicado a esta matéria tinha como título «Experimental para aprender».

O que cada escola faz experimentar a cada criança é decisivo.

Poderemos, porventura, ir ainda mais longe ...

O que é que cada Escola permite sentir será, decididamente, o segredo ou, pelo menos, parte do segredo.

É que é a partir do sentir que construímos e, por sua vez, é a nossa construção que condiciona a aprendizagem.

O conceito de diferenças individuais não pode ser vivido como um axioma, prescrito como verdade social não correspondente a uma pragmática de coerência quotidiana.

A consciência e o respeito pela diferença é algo que tem de ser assumido de dentro para fora e, consequentemente também, é algo que tem de ser descoberto na interioridade de cada outro.

As diferenças implicam e influenciam o não linear do desenvolvimento individual feito de regressões e de sucessivas reorganizações nas decisivas etapas de cada vida.

O programa curricular da escola tem de respeitar o primado da diferença, porque é este o grande desafio educacional.

Revisaremos, nesta oportunidade, a fábula do Dr. Reaves nesta reflexão multidisciplinar que pretendemos partilhada.

“Certa vez, os animais decidiram fazer qualquer coisa para resolver os problemas do “novo mundo” e assim organizaram uma escola. Adoptaram um curriculum de actividades: corrida, escalada, natação e voo. Para facilitar o programa estabelecido, os animais matricularam-se em todas as disciplinas.

O pato era um excelente estudante em natação, de facto, melhor que o próprio instrutor; porém, só tinha notas de suficiente na modalidade de voo e de medíocre em corrida. Sendo muito fraco nesta disciplina, ele tinha que permanecer na escola depois das aulas e até deixou a natação para poder ter explicações em corrida.

Continuou nesse passo até que suas patas ficaram bastante feridas e por isso tornou-se não mais que razoável em natação. Mas razoável era um grau aceitável na escola e ninguém se incomodou com o caso, a não ser o pato.

O coelho cedo se evidenciou como o melhor da turma em corrida, mas teve um colapso nervoso devido ao excesso de trabalho na disciplina de natação.

O esquilo era excelente em escalar, mas revelou precocemente uma enorme frustração nas aulas de voo, porque o seu professor insistia que começasse do chão para o alto, em vez de começar de cima da árvore para o chão. Desenvolveu também câibras devido ao esforço exagerado que lhe era exigido e, assim, tirou um C em escalada e um D em corrida.

A águia era uma criança-problema e foi, por várias

vezes, severamente castigada. Com efeito, nas aulas de subida em árvore ela ganhava a todos, mas à custa de usar os seus próprios métodos para alcançar os objectivos propostos, sendo sistematicamente reprimida no uso dessa estratégia.

No final do ano lectivo, uma enguia espertalhona que nadava bem, mas conseguia também correr, escalar e até voar, tirou as notas mais altas e foi para o Quadro de Honra.”

Deverei dizer que não é o facto de algumas enguias espertalhonas poderem ter as médias mais altas nas turmas das suas escolas aquilo que mais nos preocupa. O que nos preocupa, de facto, é que entretanto (e estes entretantos são uma constante do nosso quotidiano escolar em Portugal), milhares de coelhos, de esquilos, de águias e de patos desistam de si por lesão irreversível da sua auto-estima.

A investigação em Saúde Escolar identificou já algumas variáveis escolares de risco com efeitos significativos na adolescência. Quer dizer, factores de risco que se identificam com o mal-estar vivido pelas crianças na escola estão fortemente correlacionados, estatisticamente, com problemas de comportamento quando adolescentes.

«O meu filho não aprende» é uma evidência de risco mas é, sobretudo, uma evidência da prova que testa todo o processo educacional, desde o vínculo ao respeito pelos sentimentos de cada um, passando, naturalmente, também, pelo método pedagógico.

Serão, porém, as evidências reais e os fantasmas que cada família constrói, a propósito da aprendizagem, o que importa debater, solidariamente, em cada oportunidade clínica, necessariamente fundamentada na evidência científica.